

ST 3 - Polêmicas intelectuais na América Latina entre os séculos XIX e XX: retórica, cultura e história.**Coordenadores**

Sílvia Maria Azevedo (UNESP)

Jean Pierre Chauvin (USP)

A colonização do território latino-americano, fatiado por portugueses e espanhóis entre os séculos XVI e XVIII, acumulou questões de inegável relevância, dentre as quais a Guerra Justa (antiga teoria cristã sistematizada pelo holandês Hugo Crócio, em 1616), as formas de emancipação da colônia em relação à corte e a constituição da identidade nacional. No início do XIX, bacharéis, jornalistas e escritores brasileiros empreenderam discursos de teor nacionalista na tribuna, nas redações de jornais e nos livros, em que confluíam interesses particulares em meio a demandas coletivas – a exemplo da modernização liberal, frente à manutenção do regime escravocrata. Versando sobre diversas matérias, a palavra impressa e a imagem grassaram nos numerosos periódicos disseminados no Rio de Janeiro e nas províncias. Enquanto jornalistas e ilustradores debatiam em torno da nacionalidade, advogados empenhavam-se (ora contra, ora favoravelmente) na causa abolicionista. No âmbito literário, esses e outros temas foram representados de variados modos, o que favoreceu a hibridização de gêneros, o alargamento das convenções artísticas e a personificação de alguns tipos de nossa elite. Enquanto alguns escritores propuseram-se a romanciar o desbravamento do território nacional e/ou a mitificar o indígena, outros voltaram-se para o cenário urbano, a enfatizar a relativa civilidade dos habitantes, a reboque da moda, do discurso e do pensamento europeu. Um fenômeno análogo também dividiu nossa crítica literária, desde então: uns a dar primazia à cor local; outros a defender o diálogo de nossa literatura com obras clássicas de ingleses, franceses e portugueses. Essas discussões tiveram continuidade na década de 1930, momento em que se poderia elencar romancistas tidos por regionalistas, embora sua dicção fosse sobremodo diferente.